

Economia - Brasil Malan diz que turbulência não passou

FLAVIA SEKLES
Correspondente

WASHINGTON - O ministro da Fazenda, Pedro Malan, e o presidente do Banco Central, Armínio Fraga, deram a banqueiros e empresários americanos informações sobre as perspectivas do Brasil, durante a reunião semianual do Fundo Monetário Internacional (FMI). Segundo Fraga, este ano o Brasil pode ter uma recessão de apenas 2%. No Banco Central, disse, um grupo de trabalho está revendo análises do setor privado e do próprio governo sobre as projeções do desempenho da economia, que também deve fechar o ano com uma taxa real de juros e taxa de inflação abaixo de 10%.

Daniel Gleizer, diretor da Área Internacional do Banco Central, também disse ontem que a taxa de renovação de linhas de crédito de curto prazo interbancárias e comerciais - um barômetro da confiança da comunidade financeira - já atingiu 150%, e o nível em que as linhas se encontravam no fim de fevereiro já foi recomposto. As linhas somam atualmente US\$ 21,9 bilhões interbancárias, e US\$ 20,5 bilhões de bancos para empresas.

Impacto social - Tanto Pedro Malan quanto Armínio Fraga quiseram deixar claro que, apesar das melhoras recentes, ainda é prematuro declarar que todos os problemas passaram e que o país pode deixar de lado as reformas ou se despreocupar com os problemas do cotidiano econômico. "Crise significa coisas diferentes, para pessoas diferentes, em tempos diferentes. É preciso estar atento a este princípio", disse Malan.

"Não tem sentido nos prender em jogos de palavras. É prematuro dizer que a turbulência que assolou o mundo desde a moratória russa acabou porque as consequências ainda estão sendo sentidas por todos nós", complementou o ministro da Fazenda.

O ministro Pedro Malan tentou afastar também previsões de que a recessão terá enorme impacto social, preocupação que tem sido repetida por funcionários do Banco Mundial, preocupados com o nível de pobreza e miséria dos países emergentes. "Nós não estamos falando de uma retração longa e prolongada. Nada será tão ruim quanto era previsto", disse. O ministro afirmou que o Brasil tem indicadores que deixam muito a desejar. Mas fez questão de ressaltar: "Mas não há mágica ou pirueta ou demagogia para resolver a situação que se apresenta diante de nós".

Bônus - O Brasil fechou ontem à tarde uma operação de emissão de bônus, que desde quinta-feira da semana passada resultou na captação de US\$ 2 bilhões através de títulos eurobônus, e uma operação de troca de títulos, no valor de US\$ 1 bilhão - para a substituição de alguns títulos no mercado. Segundo o presidente do Banco Central, esses títulos estavam prejudicando o acesso de empresas aos mercados de capitais.

A taxa de juro relativa dos novos títulos foi reduzida em 1% em relação aos antigos, e têm um período maior de maturidade. Armínio Fraga disse ontem que o Brasil considera que suas necessidades de financiamento para este ano estão superadas, mas o país pode voltar ao mercado com a finalidade de reestruturar sua dívida.

Ontem, o Brasil posicionou-se com relação a um debate na atual reunião do FMI, sobre propostas que defendem a participação mais efetiva do setor privado, que deveria se preparar para assumir mais riscos durante as crises. Enquanto alguns países defendem que, daqui para a frente, os títulos tenham cláusulas que exijam uma rolagem da dívida de um país diante de uma crise financeira, Malan disse ontem que isso levaria apenas a um aumento na taxa de risco que os países têm de pagar para acessar os mercados de capitais.